

A fábrica de notícias da Primeira República:**Salomão Nabor de Azevedo entre a história e a ficção**

DENILSON BOTELHO*

Esta comunicação se insere no eixo principal das reflexões propostas no âmbito deste Simpósio Temático. A literatura é aqui tomada como documento ou uma fonte como outra qualquer. Sobre ela recai, portanto, o repertório habitual de questões formuladas a partir do campo da história social: quem escreve? Em que condições sociais, políticas, econômicas e culturais o faz? Como o produto do seu trabalho é apropriado, lido e “consumido”? Dito de outro modo, pensar a literatura como fonte documental é pensar, simultaneamente, sobre o escritor como intelectual, sobre as condições de produção da materialidade da obra, sobre o público leitor e suas estratégias e apropriações de leitura.

Proponho então um exercício de análise que resulta de uma pesquisa que venho desenvolvendo sobre história, imprensa e literatura em Lima Barreto (1881-1922). Considerando os limites da presente exposição, elejo como objeto o conto intitulado “O jornalista”, publicado originalmente na revista Souza Cruz, no Rio de Janeiro, em julho de 1921. Posteriormente, o conto foi publicado junto com o romance *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, em 1956, em edição organizada por Caio Prado Júnior pela Editora Brasiliense. E mais recentemente, coube a Lilia Moritz Schwarcz reeditá-lo na coletânea *Contos completos de Lima Barreto*, publicado pela Companhia das Letras em 2010.

Lima Barreto é seguramente mais conhecido como romancista. Algumas de suas obras figuram hoje entre os ditos clássicos da literatura brasileira, tendo sido reeditadas por diversas vezes e inclusive adaptadas para o cinema e a teledramaturgia¹. Entretanto, sua trajetória foi marcada por intensa atuação na imprensa do Rio de Janeiro da Primeira República. Seus artigos e crônicas evidenciam sua presença frequente nos mais variados veículos da época, o

*Professor do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Trabalho apresentado no Simpósio Temático “087. História, literatura e sociedade”, inserido no XXVII Simpósio Nacional de História / ANPUH. Este trabalho foi contemplado pelo Programa de Apoio à Participação em Evento Científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Piauí – FAPEPI, Edital nº 004/2013.

¹ Em 1998, foi lançado o filme *Policarpo Quaresma, herói do Brasil*, adaptação do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, dirigido Paulo Thiago. Entre novembro de 1993 e julho de 1994, foi transmitida pela Rede Globo de Televisão a telenovela *Fera Ferida*, uma adaptação livre baseada em diversos textos de Lima Barreto, escrita por Aguinaldo Silva, Ricardo Linhares e Ana Maria Moretzsohn, com direção de Dênis Carvalho e Marcos Paulo.

2

que lhe permitiu ser também identificado como jornalista. No curto período inferior a duas décadas, foram publicados mais de 500 textos de sua lavra (BOTELHO, 2002; RESENDE e VALENÇA, 2004).

Além disso, ainda jovem, o escritor percebeu a importância da imprensa na construção de uma carreira literária e chegou mesmo a fundar a sua própria revista, Floreal, que não foi além da quarta edição (BOTELHO, 2005). Essa vivência como jornalista fez com que o autor construísse progressivamente uma percepção bastante crítica em relação ao papel da imprensa. E não foram poucas as vezes em que Lima Barreto manifestou essa compreensão crítica do jornalismo através da ficção. Afinal, seu romance de estréia foi um petardo contra um dos mais populares diários em circulação na Capital Federal no início do século XX (BOTELHO, 2011).

Vale ressaltar que a abordagem do conto “O jornalista”, aqui proposta, situa-se no campo oposto àquele denominado por alguns pesquisadores dessa virada para o século XXI como “pós-moderno”. Interessados por cultura, identidade, linguagem e discurso, argumentam que a linguagem é tudo o que podemos conhecer sobre o passado e o mundo. A linguagem tornou-se o lugar de acontecimento da história, já que não teríamos como conhecer o mundo, nem ter acesso a qualquer realidade. A sociedade aproxima-se assim do discurso sobre ela produzido, quando não é lançada numa vala comum que iguala discurso e realidade (WOOD, 1999:11).

Rejeitando por completo essa curiosa vertente de estudos, que transformou a cultura em diversidade e pluralidade, deixando ao pesquisador a tarefa indigente de perceber apenas diferenças e identidades, e fazendo-nos submergir num perigoso relativismo que ainda por cima destitui o universo da cultura da sua materialidade e dos seus aspectos inegavelmente concretos, optamos por uma abordagem centrada nas contribuições de Raymond Williams e Edward Palmer Thompson.

Como não temos dúvidas sobre a existência do passado e sabemos que dele não restaram apenas discursos que podemos interpretar ao nosso bel prazer, impõe-se a compreensão das experiências de luta travadas por Lima Barreto. Só assim é possível identificar uma vertente contra-hegemônica no interior da imprensa carioca durante a Primeira República, a despeito do caráter conservador do jornalismo brasileiro naquele período. Trata-se de uma tendência que tem entre seus expoentes “os escritores, artistas, jornalistas que,

3

colocando-se contra a corrente dominante, propuseram uma imagem alternativa de Nação” (COUTINHO, 2008:66) ou que sonharam com uma sociedade brasileira que acabou não se concretizando nas primeiras décadas republicanas (BOTELHO, 2002), num movimento que Eduardo Granja Coutinho define como processos contra-hegemônicos na imprensa daquele período.

Parafraseando Marx, pode-se dizer que toda hegemonia traz em si o germe da contra-hegemonia. Há na verdade uma unidade dialética entre ambas, uma se definindo pela outra. Isto porque a hegemonia não é algo estático, uma ideologia pronta e acabada. Uma hegemonia viva é um processo. Um processo de luta pela cultura. “Deve ser continuamente renovada, recriada, defendida e modificada e é, continuamente, resistida, limitada, alterada, desafiada por pressões que não são suas”, observa Raymond Williams. (COUTINHO, 2008:77)

Superado o paradigma da determinação econômica, Raymond Williams concebe a cultura como elemento constitutivo do processo social, como um modo de produção de significados e valores da sociedade (CEVASCO, 2003:112-113). As artes e as práticas culturais – como a literatura – podem até refletir a sociedade, mas também produzem significados que transformam a sociedade, e que agem portanto sobre esta.

Ao analisar a obra e a trajetória desse escritor carioca, Nicolau Sevcenko (2003) percebeu claramente de que forma ele fez das letras um instrumento de intervenção na realidade concreta de um modo geral, e particularmente no jornalismo. Esta percepção pode ser sintetizada no seguinte parágrafo, em que fica evidenciado o desejo do literato de fazer um jornalismo diferenciado, contra-hegemônico e, quiçá, o que poderíamos denominar como jornalismo literário:

Ao problema do amesquinamento da linguagem e da literatura, ele tentaria responder ainda com uma reinfusão de atualidade que as tonificasse, recuperando-lhes a antiga força e eficácia. Iria buscar esse tom de atualidade no fenômeno cultural que dividia com a ciência a hegemonia das convicções do período – o jornalismo. O autor, eternamente às turras com o jornalismo suspeito do país, apenas o admitia tacitamente. No entanto, o efeito dessa opção sobre a sua arte era decisivo e mais do que evidente. Sua estética, por meio do viés do jornalismo, se distinguiria principalmente pela simplicidade, pelo despojamento, contenção e espírito de síntese, aplicados à linguagem narrativa; enquanto que o tratamento temático se voltaria para o cotidiano, os tipos comuns, as cenas de rua, os fatos banais e a linguagem usual. (SEVCENKO, 2003:198).

4

Um texto ficcional como o conto de Lima Barreto deve ser concebido desta forma. Não como reflexo, mas como intervenção numa determinada realidade. Cabe-nos investigar a natureza dessa intervenção que tem em Salomão Nabor de Azevedo seu personagem principal nesse texto de ficção. Vivendo na cidade de Sant’Ana dos Pescadores, situada entre o mar e a montanha, próximo do Rio de Janeiro, tornou-se um dos seus mais célebres habitantes. Naquela cidadezinha, “as pessoas importantes eram o juiz de direito, o promotor, o escrivão, os professores públicos, o presidente da Câmara e o respectivo secretário” (BARRETO, 2010:528). Salomão Nabor era o secretário do presidente da Câmara e a figura mais importante da localidade “porque, além disso, se fizera o jornalista popular do lugar” (BARRETO, 2010:528).

Viveu no final do século XIX, período em que o país transitava da monarquia à república e abolia a escravidão. Como “descendente dos antigos Nabores de Azevedo de ‘serra acima’ e dos Breves, ricos fazendeiros” (BARRETO, 2010:528), herdou uma fazenda do pai, que vendeu e lhe permitiu comprar uma casa em Sant’Ana, onde casou-se. O modo de vida do protagonista é descrito da seguinte forma por Lima Barreto:

Vivia a fazer política e a ler os jornais da corte, que assinava. Deixou os romances e apaixonou-se por José do Patrocínio, Ferreira de Menezes, Joaquim Serra e outros jornalistas dos tempos calorosos da Abolição. Era abolicionista, porque... os seus escravos, ele os tinha vendido com a fazenda que herdara; e os poucos que tinha em casa, dizia que não os libertava, por serem da mulher.

O seu abolicionismo, com a lei de 13 de Maio, veio dar, naturalmente, algum prejuízo à esposa... (BARRETO, 2010: 528-529)

A convicção abolicionista de Salomão Nabor dá bem a medida do seu oportunismo, cujo tom farsesco o autor desnuda e denuncia. Após a instauração da república e a abolição, foi por várias vezes subdelegado e vereador, até que o promotor Fagundes, conhecedor de sua mania por jornais, lhe sugeriu fundar um jornal na cidade. Nabor reagiu com entusiasmo, refletindo a postura irônica e crítica do autor em relação ao progresso e a própria imprensa:

- Boa ideia, ‘seu’ Fagundes! A ‘estrela do Abraão’ (assim era chamada Sant’Ana) não ter um jornal! Uma cidade como esta, pátria de tantas glórias, de tão honrosas tradições, sem essa alavanca do progresso que é a imprensa, esse fanal que guia a humanidade – não é possível!(BARRETO, 2010: 529)

5

Como o promotor não tinha o capital necessário, “Nabor entrou com o cobre; e Fagundes ficou com a direção intelectual do jornal. Fagundes era mais burro e, talvez, mais ignorante do que Nabor” (BARRETO, 2010:529). Foi assim que surgiu *O Arauto*, um jornal semanal, cujo conteúdo é descrito do seguinte modo: “saía sempre com um artigo laudatório do diretor, à guisa de artigo de fundo, umas composições líricas, em prosa, de Nabor, aniversários, uns mofinos anúncios e os editais da Câmara Municipal” (BARRETO, 2010:529). Além disso, às vezes, Nabor “cortava alguma coisa de valia dos jornais do Rio e o jornaleco ficava literalmente esmagado ou inundado” (BARRETO, 2010:529).

Contudo, a rivalidade entre o proprietário e o diretor do jornal era latente. No conto, essa rivalidade parece referir-se a algo mais do que uma disputa pessoal sobre o comando de *O Arauto*. O que está em jogo são os embates entre diferentes modos de fazer jornalismo num período em que a imprensa, o Rio de Janeiro e o país atravessam profundas transformações. Trata-se do embate entre o jornalismo moderno e o tradicional, que são devidamente caracterizados no texto literário.

Nabor é apresentado como o jornalista moderno e dotado de qualidade profissional. Isso significa que está permanentemente empenhado em fazer de *O Arauto* “um jornal de escândalo, de altas reportagens sensacionais, de enquete com notáveis personagens da localidade, enfim, um jornal moderno” (BARRETO, 2010:529). Por outro lado, o promotor Fagundes queria fazer “um quotidiano doutrinário, sem demasias, sem escândalos – um *Jornal do Commercio* de Sant’Ana dos Pescadores, a ‘Princesa’ do ‘O Seio de Abraão’, a mais formosa enseada do estado do Rio” (BARRETO, 2010:529-530).

O fato é que Nabor entendia o jornal como uma fábrica de notícias e aplicava a sua inventiva criatividade na transformação de episódios pouco ou nada relevantes em informação merecedora de destaque nas páginas do seu semanário. Certa vez, o naufrágio banal de uma canoa de pescaria numa praia de Sant’Ana mereceu três longas colunas e motivou reclamação de Fagundes: “- Você está gastando papel à toa!” Afinal, diria ainda, “não morrerá um só tripulante” (BARRETO, 2010:530). Em resposta, o argumento de Nabor é bastante eloquente: “- É assim que se procede no Rio com os naufrágios sensacionais” (BARRETO, 2010:530).

Ora, o modo de fazer jornalismo da capital é enaltecido e aparece como modelo a ser copiado, ainda que se trate de fazer de uma canoa afundada um naufrágio sensacional, ou seja, de inventar uma notícia que não existe para fisgar o leitor. De algum modo, o que está em

6

curso aqui é a construção de um fazer jornalístico que vai se tornando hegemônico tanto no texto ficcional de Lima Barreto quanto na história da imprensa brasileira no período da Primeira República.

Não é por outro motivo que a rivalidade entre os realizadores *d'O Arauto* chega ao seu ápice e, diante de uma nova reclamação de Fagundes, Nabor providenciou um desfecho para aquela “guerra surda”: “- Os tipos são meus; a máquina é minha; portanto, o jornal é meu” (BARRETO, 2010:530), e concretizou-se a dissidência, ficando Nabor o único dono do jornal.

Dono do grande órgão, tratou de modificar-lhe o feitio carrança que lhe imprimira o pastrana do Fagundes. Fez inquéritos com o sacristão da irmandade; atacou os abusos das autoridades da Capitania do Porto; propôs, a exemplo de Paris etc., o estabelecimento do exame das amas de leite etc. etc. Mas nada disso deu retumbância a seu jornal. Certo dia, lendo a notícia de um grande incêndio no Rio, acudiu-lhe a idéia de que se houvesse um em Sant’Ana, podia publicar uma notícia de ‘escacha’, no seu jornal, e esmagar o rival – O Baluarte – que era dirigido pelo promotor Fagundes, o antigo companheiro e inimigo. (BARRETO, 2010:530-531)

Este trecho quase derradeiro do conto evoca outro personagem mais conhecido de Lima Barreto, o escrivão Isaías Caminha, no momento em que testemunha com certa perplexidade o modo como se constrói a notícia no fictício jornal notoriamente inspirado no *Correio da Manhã*, dirigido por Edmundo Bittencourt. No capítulo VIII, *Isaías Caminha* fora até a redação d’*O Globo* em busca dos préstimos de Gregoróvitch. Não o encontrando no local, pôs-se a aguardar por ele. A espera lhe dá a oportunidade de observar os bastidores da imprensa, que descreve com riqueza de detalhes. Presenciou, por exemplo, a chegada à redação de um “grande romancista de luxuoso vocabulário, o fecundo *conteur*, o enfático escritor a quem eu me tinha habituado a admirar desde os quatorze anos” (BARRETO, 2001:191), conhecido como Veiga Filho. O motivo da ida do famoso romancista à redação era para checar se o jornal noticiaria uma conferência que proferiu. Em meio à discussão sobre quem redigiria o texto dessa notícia, Caminha presenciou o secretário da redação sugerir que o próprio Veiga Filho fizesse o texto. E perplexo, viu aquele “homem extraordinário que a gente tinha que ler com um dicionário na mão” (BARRETO, 2001:191) acatar a sugestão.

Eu demorei-me ainda muito e pude ouvi-lo ler a notícia. Começou dizendo que era impossível resumir uma conferência de um artista como Veiga Filho. Para ele, as palavras eram a própria substância de sua arte.

[...] Veiga Filho acabou de ler a notícia no meio da sala, cercada de redatores e repórteres. Enquanto ele lia cheio de paixão, esquecido de que fora ele mesmo o autor de tão lindos elogios, fiquei também esquecido e convencido do seu malabarismo vocabular, do sopro heróico de sua palavra, da sua erudição e do seu saber...

Cessando, lembrei-me que amanhã tudo aquilo ia ser lido pelo Brasil boquiaberto de admiração, como um elogio valioso, isto é, nascido de entusiasmo sem dependência com a pessoa, como coisa feita por um admirador mal conhecido! A Glória! A Glória! E de repente, repontaram-me dúvidas: e todos os que passaram não teriam sido assim?

Naquela hora, presenciando tudo aquilo eu senti que tinha travado conhecimento com um engenhoso aparelho de aparições e eclipses, espécie complicada de tablado de mágica e espelho prestidigitador, provocando ilusões, fantasmagorias, ressurgimentos, glorificações e apoteoses com pedacinhos de chumbo, uma máquina Marinoni e a estupidez das multidões. (BARRETO, 2001:192-193)

Tal como Veiga Filho fabricara a sua própria notoriedade, Nabor se dispõe a fabricar os fatos que deseja noticiar no seu jornal. O problema é que em Sant'Ana “não havia incêndios, nem mesmo casuais” (BARRETO, 2010:531). Então era preciso um incêndio. Inicialmente o personagem cogita pagar alguém para atear fogo num palacete da cidade. Pensando bem, avalia que assim poderia vir a ser descoberto e denunciado. Eis que lhe surge uma idéia para levar adiante seus planos: “Ele mesmo poria fogo no sábado, na véspera de sair o seu hebdomadário – *O Arauto*. Antes escreveria uma longa notícia com todos os ‘ff’ e ‘rr’. Dito e feito. O palácio pegou fogo inteirinho no sábado, alta noite; e de manhã, a notícia saía bem feitinha”. (BARRETO, 2010:531)

O insólito procedimento de provocar um incêndio para se produzir a notícia sobre o incêndio pode até parecer absurdo, mas não é. É evidente que nada pode sustentar um possível parentesco atávico entre jornalistas e incendiários, mas é indiscutível a apreciação crítica que Lima Barreto produz sobre os métodos de fazer jornalismo na Primeira República – e, quiçá, num período de tempo que chega até o presente. Está claro que o autor quer dizer algo sobre a imprensa do seu tempo, que ele conheceu tão bem e na qual atuou intensamente. Sobretudo se considerarmos o desfecho do conto, tal como reproduzido a seguir:

Fagundes, que era juiz municipal, logo viu a criminalidade de Nabor. Arranjou-lhe uma denúncia processo e o grande jornalista Salomão Nabor de Azevedo,

descendente dos Azevedos, do Rio Claro, e dos Breves, reis da escravatura, foi parar na cadeia, pela sua estupidez e vaidade. (BARRETO, 2010:531)

Desonestidade criminosa, estupidez e vaidade são as características atribuídas a um “grande jornalista”. Estes são os atributos que qualificam um homem de imprensa, segundo a ficção de Lima Barreto, que pretende denunciar também a origem nobre e senhorial de Nabor. Trata-se, afinal, de um “descendente dos reis da escravatura”, cujo pretense abolicionismo já fora desmascarado em trecho anterior do conto. Portanto, na pena do “mulato de Todos os Santos”, Nabor parece merecedor do cárcere não só pela venalidade do jornalismo que pratica, mas também pelo passado que o condena, pela herança escravocrata.

A trajetória de Lima Barreto e a de muitos de seus personagens merecem ser analisadas como experiências sobre as quais o historiador deve se debruçar, tomando por base o que Thompson preceitua:

As pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como idéias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (como supõem alguns praticantes teóricos) como instinto proletário etc. Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas. Essa metade da cultura (e é uma metade completa) pode ser descrita como consciência afetiva e moral (THOMPSON, 1981:189).

Certamente o autor aqui em questão lida com sua experiência através da produção literária, sua arte. Trata-se do modo como se constitui em agente da história e dela participa, nela intervém. Seu engajamento e militância deram-se, sobretudo, na arena da cultura, denunciando os mecanismos de uma imprensa e de um jornalismo que ainda hoje insiste em invocar para si neutralidade, imparcialidade e isenção, ocultando seus interesses políticos, ideológicos e de classe. E bem sabemos que essa imprensa, ao longo do tempo, tem sido capaz de tudo, ou quase tudo. Se não chega a provocar incêndios para transformá-los em notícia, não hesita ante a possibilidade de incinerar a reputação de todos aqueles cujos interesses lhe são contrários. E o que são esses interesses senão interesses de classe?

Referências bibliográficas:

9

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

BARRETO, Lima. “Recordações do escrivo Isaiás Caminha” in *Lima Barreto: prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.

_____. “Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá” in *Lima Barreto: prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.

_____. “O jornalista” in *Souza Cruz*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 55, julho de 1921.

_____. “O jornalista” in SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *Contos completos de Lima Barreto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BOTELHO, Denilson. *A pátria que quisera ter era um mito: o Rio de Janeiro e a militância literária de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 2002. (Coleção Biblioteca Carioca, 44)

_____. “Sob o signo da Floreal; uma perspectiva histórica da iniciação literária de Lima Barreto” in *Itinerários*, Araraquara – SP, 2005, v. 23, p. 149-174.

_____. “Lima Barreto e o engenhoso aparelho de aparições e eclipses: reflexões sobre a história da imprensa”. In: *Anais do XXVI simpósio nacional da ANPUH - Associação Nacional de História*. São Paulo: ANPUH-SP, 2011. Acesso em 29 de março de 2013.

Disponível

em:

http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300224155_ARQUIVO_ComunicacaoAnpuh2011DenilsonBotelho.pdf

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Editora Boitempo, 2003.

COUTINHO, Eduardo Granja. “Processos contra-hegemônicos na imprensa carioca, 1889-1930” in ____ (org.). *Comunicação e contra-hegemonia: processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008. pp. 65-89.

RESENDE, Beatriz e VALENÇA, Rachel (Org.). *Toda Crônica: Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Agir, 2004. 2v.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. rev. e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

10

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros; uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WOOD, Ellen Meiksins. “O que é a agenda ‘pós-moderna’?” in WOOD, Ellen M. e FOSTER, John Bellamy (orgs.). *Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.